

# O PESADELO

de

jorge peres



A noite ia alta e calma. Era uma daquelas noites sem uma réstia de vento onde nada se ouvia ... nem pessoas ... nem animais ... nada ... silêncio absoluto.

O quarto era grande mas acolhedor, muito sóbrio, da cómoda ao guarda fato, à cama ... uma cama de ferro pintada de branco e com a cabeceira trabalhada em forma de coração, trazendo à memória, por certo, muitas histórias perdidas no tempo dos confins do século XIX.

As paredes estavam nuas, todas, à exceção de uma. Aí, bem a meio, sobressaía o auto-retrato da Van Gogh, estranho quadro para se encontrar num quarto ... mas estava ali.

Naquele quarto, e naquela cama, alguém dormia profundamente. E a sua profunda respiração, era a única coisa que se ouvia, de uma forma tão perfeita, que aquele som parecia fazer parte daquele quadro.

A escuridão era apenas atenuada pela iluminação exterior que penetrava através da persiana semi-fechada. O ambiente era o normal de qualquer noite.

Um ruído veio quebrar todo este encanto. Não que fosse um barulho muito forte, mas naquela paz, qualquer som feria a noite.

Lentamente, a manzeira da porta rodou com um pequeno estalido. A porta abriu-se pouco a pouco.

Uma figura humana envolta em bruma difusa, entrou tentando fazer o mínimo barulho possível. Pé ante pé, foi-se aproximando da cama.

Dois passos e um feixe de luz vindo da persiana destacou-lhe parcialmente os contornos.

Era um indivíduo alto, magro, com um bigode normal, e um rosto pontiagudo onde sobressaía uma verruga no queixo. Na mão algo brilhava.

Foram necessários mais dois passos, para se distinguir o objecto que ele trazia na mão. Uma grande faca de cozinha.

Sempre vagarosamente, dirigiu-se para a cama onde dormia, calmamente, o primeiro sujeito. Pareceu hesitar por momentos. Depois, subindo a faca, vibrou um rápido, mas violento golpe, no corpo inerte. E outro golpe, e outro ainda, e outro ... e outro ... ..

Diversas vezes aquela faca penetrou no sujeito adormecido.

Depois o atacante recuou e saiu do quarto, tal como entrou, no máximo dos cuidados ... muito lentamente ...

O quarto mergulhou de novo no silêncio. Só o respirar sonolento do sujeito, imóvel na cama, não se ouvia já.

António sentou-se na cama. Que sonho ... céus!!! Era a terceira noite, só naquela semana, que se repetia aquele estranho pesadelo. Sempre igual. Sempre a mesma cena.

E o pior é que não reconhecia nada, nem o quarto, nem a personagem assassina. Nem sequer conseguia distinguir as feições do indivíduo que dormia e que acabava morto, assim, daquela maneira tão bárbara.

Curiosamente a figura do assassino era tão nítida, que por certo o reconheceria se cruzasse com ele na rua.

Sentou-se nervosamente na cama e acendeu a luz. Procurou o maço de cigarros.

--- Já te pedi muitas vezes para não fumares na cama. Ainda arranjas um incêndio.

Bolas! Preocupado como estava com o seu pesadelo nem se lembrara que Linda, sua mulher, estava mesmo ali.

--- Que se passa António?! Perdeste o sono ?!!!

--- É aquele sonho ... ..

--- Outra vez?! --- sentou-se a seu lado.

Já lhe tinha contado. À primeira vez não ligara muita importância. Mas já era demais. A continua repetição, noite após noite, era preocupante.

Linda voltara a deitar-se. Era, o que de melhor, ele poderia fazer também.

Apagou a luz e tentou adormecer de novo. Desta vez não houve qualquer sonho, mas quando o despertador tocou aquela infernal sineta, pareceu-lhe que tinha acabado de se deitar.

O dia laboral apanhara-o exausto. Não tinha a mínima paciência para encarar os problemas do escritório, aquela manhã. A cabeça pesava-lhe como chumbo. Mas como cumpridor que era das suas obrigações, ali estava.

Aliás, como chefe de pessoal daquela empresa de contabilidade, competia-lhe dar o exemplo. No entanto essas suas funções permitiam-lhe usufruir de umas horas calmas, sem o monitor do computador à sua frente.

Bateram à porta do seu gabinete. O som fora suave, mas explodira dentro da sua cabeça como se fosse um tiro.

--- António ?!?! --- era César, o patrão.

Na verdade a relação de ambos era muito especial. Amigos de há muitos anos, desde os imemoriais tempos de liceu, haviam sido muito ligados, andando sempre juntos. Quando César resolveu montar aquela empresa, propusera-lhe sociedade. A ideia não o entusiasmou muito, até porque as finanças, na época, não andavam lá muito famosas. Aí, César, expusera-lhe a situação de uma maneira clara. Ou seria sócio, ou seu funcionário, como o seu braço direito. De qualquer dos modos não abdicava do seu trabalho, nem da sua experiência naquele ramo.

César conhecia-o bem. Tinham-se formado juntos em Informática. Ambos com excelentes notas, embora ele sempre um pouco mais fraco.

Mas César tinha maiores posses económicas. Os seus bens monetários e imobiliários vinham-lhe já de família. Nunca se casara e vivia sozinho, numa casa que herdara do pai, já falecido. As suas únicas companhias eram a governanta, o jardineiro, uma ou outra companheira de ocasião, a coisa nunca durava muito, e alguns amigos, em qual grupo ele se incluía, com quem, de vez em quando, compartilhava a bem recheada garrafeira.

A amizade deles era tão sólida que António o convidara para padrinho, quando resolvera casar com Linda, o que consistiu motivo de orgulho para César. Um bom rapaz.

--- OOOhhh!!! Bom dia César.

--- Uuuuaaaauuu!!! Essa cara faz-me supor a cura de uma valente ressaca. Acertei???

--- Qual quê !!! Nem uma gota aqui entra há já vinte e quatro horas. Não consegui foi dormir na esta noite.

--- E pelos vistos a insónia foi forte!

--- Sabes aquele sonho que te contei a semana passada?

--- O do homem da grande faca? --- abriu os braços e simulou avançar com algo na mão. Não se conteve e deu uma gargalhada.

--- Tu achas muita graça. Olha que eu já não estou a achar piada nenhuma a esta história. E Linda também não.

--- Bem António. Há quem diga que os sonhos podem revelar algo que poderá acontecer no futuro. Quem sabe se não será esse o caso?!

--- Olha! Para te ser franco, eu nunca acreditei muito nessas coisas ... mas mesmo assim, e eventualmente aceitando essa teoria, de pouco me iria adiantar. Nunca consigo ver a cara de quem está deitado.

César encolheu os ombros. E saiu, fechando a porta atrás de si. António voltou a tentar concentrar-se no trabalho. Parou quando souou o timbre o telefone interno.

Era César de novo.

--- António, eu tenho um amigo muito ligado a essas coisas de sonhos, profecias, situações assim ... Acho que é psicólogo, ou parapsicólogo, nem sei bem. Se quiseres eu ligo-lhe e encontramos à tarde. Vamos beber um copo aí a qualquer sítio. Talvez ele te possa ajudar. Que dizes?

--- Não parece má ideia. Eu quero mesmo é por esta cabeça em ordem, o mais rapidamente possível.

--- Então eu trato disso.

António pousou o auscultador do telefone pensativamente. Procurou numa das suas gavetas uma aspirina efervescente. Por fim lá encontrou uma e predispôs-se a ir à casa de banho, tratar daquele horrível dor de cabeça.

O dia foi-se arrastando entre o ruído das impressoras e o suave burburinho de vozes na sala de computadores. Finalmente e muito a custo, lá chegaram as seis horas. Ao bater exacto da hora, César entrou-lhe no gabinete.

--- Vamos. O Morais está à espera no carro. Deixa ficar o teu, depois eu trago-te aqui de novo.

No carro estava, efectivamente, um indivíduo, um pouco mais velho do que eles, mas parecendo alegre e bem disposto. Feitas as apresentações foram até um bar nas imediações da cidade.

A conversa depressa foi ao encontro do assunto base ... António repetiu de novo todo o seu sonho. Morais ouviu-o atentamente. Depois houve uns segundos de silêncio.

--- Bem! Sabe que os sonhos constituem uma matéria ainda pouco explorada, e ficamos um pouco ao sabor dos teóricos estudiosos. Se fosse analisar o seu sonho pela óptica de Freud, teria de encontrar nele, por força, elementos da sua vida sexual. --- fez uma pausa para beber mais um pouco do seu whisky gelado --- No entanto, a insistência da repetição contínua,

noite após noite ... tudo isso leva-me a criar uma primeira conclusão. É possível que não seja um sonho mas sim uma mensagem.

--- Uma mensagem?!!!

--- Sim ... o que me contou leva-me a crer que alguma força está a tentar entrar em contacto consigo.

--- Alguma força?!!!

César mantinha-se atento, copo de cerveja na mão, não perdendo pitada da conversa. Aqueles assuntos sempre lhe tinha despertado o interesse, mas simultaneamente, sentia também um respeito muito grande que o levava a ficar silencioso.

--- Bom! Vou tentar ser concreto. Penso que há uma força espiritual, logo não material, que se está a esforçar por lhe deixar uma mensagem.

--- Você quer dizer ... um espírito??? !!!

--- Exactamente.

--- Para lhe ser franco, Morais, nunca fui muito de acreditar em espíritos, mas mesmo aceitando o facto de que o sonho constitua um aviso, a mensagem estaria incompleta. Aviso de quem ... ??? !!! para quem !!! ???

--- Sobre isso não lhe posso adiantar muito mais. A partir daqui entramos em campos subjectivos de interpretação, e a minha ideia passa a valer tanto quanto a sua.

António voltara a casa ainda mais confuso do que partira de manhã. Contou a sua esposa toda a conversa do bar. Ela também achou muito estranho.

--- Continuo a pensar que estás a empolgar demasiado toda a história desse sonho. Meter espíritos nessa história só vai complicar-te ainda mais a cabeça. Tenta esquecer tudo isso. Se te deitares, pensando profundamente que vais dormir toda a noite, vais ver que és capaz.

--- Não é fácil esquecer tudo isto.

--- Eu sei que não. Mas esta noite vou ajudar-te a esquecer.

Olharam-se cumplicitamente e sorriram. Esquecer e dormir bem era o que ele realmente mais queria.

Aquela noite começou receosa. Quase que tinha medo de ir para a cama, e que tudo se repetisse de novo. Mas Linda estava imparável. As coisas aqueceram, e quando cerca de uma hora depois de se deitar resolveu apagar a luz, estava tão exausto que o que queria mesmo era dormir.

Valera a pena seguir o conselho de Linda. Na verdade desta vez o sonho não se repetiu.

Uma semana depois, António dispunha-se realmente, a esquecer tudo aquilo. No seu escritório encontrava-se completamente embrenhado no trabalho, meio mergulhado em papeis. Só à segunda vez ouviu tocar o telefone.

--- Sim?!

A telefonista informou-o que era o patrão.

--- Ok. Passe a chamada, por favor. Estou. Sim, César, diz ...

César ia fazer anos, e para comemorar predispunha-se a fazer uma pequena festa, em sua casa. Era mais uma reunião de amigos do que propriamente uma festa. O telefonema era para o convidar, a ele e a Linda, claro.

--- Ok. César ... nove horas ? ... está bem ... lá estaremos. Adeus. Até logo.

As festas de César eram sempre de cortar a rotina. Telefonou para casa, prevenir a esposa e prosseguiu no seu trabalho.

Quando chegou a casa ficou deslumbrado com a figura de sua mulher. Linda, não só de nome, mas assim se encontrava ... absolutamente linda.

--- Uuuuaaaaa!!! Assim vale a pena chegar a casa.

--- Gostas?!

--- E é lá possível não gostar? Vais arrasar!

--- Não é a eles que eu quero arrasar, seu bobo. --- Abraçou-se forte a ele.

--- Tens a certeza de que queres ir?

--- Claro que sim. E a ti vai-te fazer muito bem uma festinha. Precisas espairecer. Vai-te aprontar, vai .

Realmente a festa adivinhava-se concorrida. Cinco casais, todos mais ou menos conhecidos, iriam reunir-se naquela casa tão grande, e geralmente tão vazia.

César era o único solteiro, mas não estava só. Uma elegante loira acompanhava-o. Ele apresentou-a como ... uma velha amiga... e apesar dos olhares sorridentes dos que iam chegando, eles comportavam-se com muita naturalidade.

António e esposa chegaram batia pontualmente o relógio as nove horas da noite.

--- Pontual como sempre. --- e voltando-se para Linda --- Ainda mais bela do que sempre.

--- És sempre o mesmo incorrigível, César.

--- Eu não sou é minimamente inteligente, porque se o fosse não seria teu padrinho, mas sim teu marido.

--- Eh! Lá rapaz. Olha que eu estou aqui.

Riram a boas gargalhadas. César era realmente inofensivo.

--- Os meus parabéns, amigo.

--- Obrigado António. Estamos a ficar velhos, pá.

--- Quer dizer ... fala por ti ...

--- E tu estás muito longe, não?!!!

Divertidos, foram andando para a sala. Os restantes convidados foram chegando gradualmente. Às dez horas todos estavam já sentados à grande mesa. As conversas foram-se entremeando e desenvolvendo-se conforme se ia avançando no menu, servido pela inseparável governanta, senhora de porte largo e sorriso de orelha a orelha.

Cerca das onze horas, a porta do salão abriu-se e alguém chamou César. A conversa era privada, pelo que o volume de voz era inaudível para os restantes.

A princípio António mal prestou atenção. Mas alguma coisa naquele recém-chegado lhe era familiar. Olhou com mais atenção. Não. Não se lembrava de jamais ter visto tal pessoa. Voltou a olhar, procurando o motivo para a sua sensação de déjàvue. Era uma pessoa absolutamente banal, sem qualquer sinal particular, a não ser, talvez, aquela verruga no queixo ... ..

António olhou ainda mais atento ... alto, magro, rosto pontiagudo, verruga no queixo ... .. não havia dúvida ... ..

Esperou que ele se retirasse, depois fez sinal a César.

--- Que se passa António?! ... Estás branco ... ..

--- Preciso de falar contigo, em particular ... é urgente ...

César levou-o imediatamente para uma sala contígua àquela onde se encontravam.

--- Então rapaz ... desembucha !!!

--- Quem é aquele indivíduo que entrou à pouco e te chamou à parte?

--- Quem?! Gerónimo?! É o meu jardineiro. É o meu homem de confiança. Já trabalhava para o meu pai antes de mim. Penso que é talvez o mais antigo nesta casa. Porquê?

--- É ele César. É ele! É o homem do meus sonho! É o homem da faca!!!

--- Gerónimo?!!! Impossível! Não faz mal a uma mosca. Veio trabalhar para o meu pai ainda em miúdo. Crescemos e brincámos juntos tantas vezes. Há mais de vinte anos que trabalha aqui em casa.

--- César. Bem sabes que a única personagem do meu sonho que eu consigo identificar é o assassino. E é ele ... .. não tenho dúvidas ... ..

--- António. Se calhar é melhor teres calma, estás nervoso ...

--- Faz-me um favor, César. Mostra-me o teu quarto.

--- O meu quarto?!!! Mas ...

--- Por favor César, mostra-me o teu quarto. É importante.

Subiram as largas escadas, até ao primeiro andar. Linda juntou-se a eles intrigada.

--- Que se passa?!



--- O teu marido pirou de vez minha filha.

--- António ?!!!?

Mas ele não respondeu. De respiração ofegante seguia César por um corredor. Aí o amigo parou junto a uma porta, que abriu, dando um passo atrás e deixando espaço para pele passar.

--- Pronto! Aqui tens.

O quarto era espaçoso e agradável. Estava decorado de forma a fazer lembrar princípios de século. Mas o que chamou a atenção de António foi a cama. Uma cama de corpo e meio, em ferro pintado de branco. À cabeceira o ferro fora trabalhado de modo a dar o aspecto de um coração. Por cima, na parede um grande quadro ... um auto-retrato de Van Gogh.

--- O quadro ... a cama ... César tudo encaixa. O meu sonho passa-se aqui neste quarto... ... César tu corres o risco de ser assassinado à facada... nesta cama ... por Gerónimo.

--- Basta António. Estou farto de ouvir tantas barbaridades. Estás louco pá! O teu pesadelo deu-te a volta ao miolo. Gerónimo nunca faria uma coisas dessas. Já te disse que crescemos juntos. É o meu homem de confiança nesta casa, ouviste? --- o seu tom era já colérico.

--- Mas César bate tudo certo ...

--- Chega. Não quero ouvir mais nada. Estás a por em causa o bom nome de uma pessoa, que ao longo dos anos, já deu inúmeras provas da sua honestidade e fidelidade.

--- César! Eu sou o teu melhor amigo. Tens de despedir esse Gerónimo. Tens de me ouvir.

--- António. Não quero ouvir mais nada. Deves precisar de descansar. Talvez seja uma boa ideia ires par casa repousar. Linda, faz-me um favor ... leva-me o teu marido daqui ...

Fez-se silêncio. Após breves instantes de pausa António virou-lhe as costas e desceu as escadas. Linda seguiu-o. Ninguém dos presentes deu pela discussão.

O trajecto até casa fez-se num perfeito mudismo, ele demasiado nervoso para falar, ela respeitando o seu estado agitado. Em casa tentou acalmá-lo.

--- Então António! Calma. Não te esqueças de que te estás a basear num sonho.

--- Eu sei filha! Eu sei ...

--- E o mais estranho é que tu nunca acreditaste nestas coisas...

--- Já sei! Nem tu me levas a sério, não é verdade?!!!

--- Olha ... e se te acalmasses e fosses dormir ?

Dormir. Dormir... Mas a noite foi longa demais. Foi muito difícil adormecer com todos aqueles pensamentos. Realmente era complicado. Ele

nunca acreditara em sonhos ... mas caramba ... havia demasiadas coincidências ... e ele não podia fazer nada. Nem a sua própria mulher o apoiava. O amigo não acreditava nele. E se ele estivesse realmente certo? E se ele estivesse mesmo enganado? E se o seu sonho não fosse mais do que isso mesmo?

De manhã, de novo, se sentia exausto. Já no escritório, não se conseguia concentrar. O tempo arrastava-se lentamente. E como o iria encarar César? Fora realmente um pouco inconveniente, e logo na sua festa de aniversário. Não tinha esse direito. O melhor que tinha a fazer era telefonar-lhe, pedindo desculpa. A sua amizade era bem mais importante do que qualquer história saída de um qualquer sonho. Era isso mesmo.

Estava já de auscultador na mão, quando a porta do seu gabinete se abriu e entrou César, com cara de preocupação. Entrou de rompante e sentou-se à sua frente.

--- Já está.

--- Já está ... o quê ?!!!?

--- Em primeiro lugar peço-te desculpa pela minha reacção de ontem. Não dormi nada em toda noite a pensar no que me disseste. Consegui-me perturbar. No fundo acho que tens razão. Há demasiadas coincidências, e depois ... para quê correr riscos? Assim, quando nasceu o sol, tomei uma decisão. Logo cedinho, chamei o Gerónimo e despedi-o . Depois vim directo para aqui. Acho que te devo um pedido de desculpas. No fundo, tu apenas te preocupaste pelo meu bem estar.

--- Bem! César! Consegues deixar-me sem palavras, rapaz. Eu é que te devo um pedido de desculpas, por te ter estragado a tua festa de anos. Devo confessar que não esperava aquela tua reacção de ontem, mas penso que a mereci.

--- Esquece amigo, a nossa amizade vale mais do que isso.

Abraçaram-se comovidos.

--- Em todo o caso, penso que fizeste bem em despedir o Gerónimo. É mais seguro assim. E ele? Como reagiu?

--- Ficou espantado, mas não argumentou nada, nem perguntou porquê ... nada de nada. Claro que o informei que lhe iria dar uma boa indemnização, por todos estes anos de trabalho lá em casa. Bom. E agora vou até casa descansar um bocado. Agora acho que já vai ser possível.

Levantou-se e antes de sair voltou-se para trás.

--- Almoçamos?

--- Claro, à hora do costume.

--- Cá estarei.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

